

**NAMORO NA ESCOLA:
Estudo Realizado entre os(as) Alunos(as) Adolescentes do Centro Federal
de Educação Tecnológica da Paraíba**

Selma Elaine de Andrade Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
E-mail: sselmma@bol.com.br

Maria Ivete Martins Correia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este trabalho consiste em investigar as razões que levam os(as) alunos(as) adolescentes a namorarem na escola e a resposta institucional em relação à expressão afetivo-sexual dos discentes dentro da escola. Proporcionar aos(as) jovens, meios de desenvolverem suas próprias capacidades sexuais, ampliando a possibilidade de posicionarem-se conscientemente frente a sua sexualidade, de modo a ajudá-los(as) a se tornarem pessoas autônomas, e com limites definidos, com objetivo de assumirem posturas conscientes e responsáveis dentro e fora do espaço institucional.

Palavras-chave: Namoro. Adolescência. Orientação Sexual.

1. Introdução

Com o rápido avanço tecnológico nos dias atuais, a sociedade brasileira experimenta um novo processo de mudanças nas esferas social, econômica e cultural. No domínio da sexualidade, da intimidade e da afetividade, verificam-se alterações nos conceitos de valor e nas práticas sexuais tais como: virgindade, namoro, casamento, amor, família, gênero e papéis sexuais. Com a "liberalização dos costumes", os índices de gravidez, natalidade e aborto, entre as adolescentes, começam a preocupar profissionais das áreas da saúde e da educação. O conceito moderno de amor, associado à difusão televisiva de uma imagem extremamente sexualizada da "mulher moderna", passou a legitimar certos contatos corporais entre os casais de namorados - abraços, beijos, carícias arrojadas, podendo ser trocados publicamente.

E ser atraente e sensual, capaz de despertar o interesse do outro sexo, tornou-se um importante valor para a identidade feminina, tal como é difundido pelos meios de comunicação em massa, somando-se às oportunidades que eles(as) têm de ficarem a sós com o(a) namorado(a), tendo portanto, condições propícias à descoberta ativa da sexualidade.

Atualmente, é possível observar no meio dos(as) jovens um novo código de relacionamento chamado "*ficar com*", que surgiu no início da década de 1980. O "*ficar com*" é uma forma de relacionamento muito difundida pela mídia, na qual não existe qualquer compromisso, constituindo-se o modo mais fácil do jovem exercitar sua sexualidade por prazer, sem assumir responsabilidades.

Ao adentrar a escola, o(a) aluno(a) não tem como deixar a sexualidade fora dela, uma vez que esta é condição imanente ao seu EU. Sabendo que a sexualidade é também algo que se constrói e se aprende, e que faz parte do desenvolvimento da personalidade, a escola não pode ficar omissa, e tem que investir numa base pedagógica capaz de refletir e lidar sobre os novos rumos da orientação sexual.

2. Marco Teórico de referência

2.1. Funções da Família

Diante da complexidade do desenvolvimento da sociedade e da liberdade sexual proclamada durante o Século XX, onde as normas e regras que regulamentavam o comportamento sexual das pessoas foram se modificando, a família, aos poucos, foi perdendo o seu monopólio no controle dos(as) filhos(as). Como resultado, o sexo fora do casamento foi se tornando mais comum, e as crianças, filhos(as) de mães solteiras, crescem separadas do pai biológico.

Atualmente, a Instituição Familiar vem passando de forma gradual por profundas transformações ao longo do processo de industrialização: o declínio da autoridade conservadora e os métodos anticoncepcionais estimularam mudanças em relação ao sexo e ao casamento, que tiveram alguns aspectos positivos e negativos. Por um lado, houve a ruptura dos padrões de comportamento em relação ao passado, mas, por outro lado, nos deparamos também com grandes problemas, entre eles, a gravidez precoce e as DST/AIDS, instabilidades afetivas e promiscuidades.

Apesar disso, a família ainda é a base essencial para a sociedade. Dentro dela criam-se os laços afetivos indispensáveis para a transmissão de geração, da cultura, dos valores ideológicos, religiosos e morais. É, portanto, fundamental que a família esteja aberta ao diálogo, para que jovens possam expressar suas idéias e pensamentos, tendo sempre uma postura de abertura, pois o equilíbrio, o diálogo e a confiança são instrumentos básicos e preciosos que podem auxiliar as famílias a amenizarem os conflitos típicos surgidos nesse período de transição.

Com as transformações sociais vivenciadas ao longo dos anos, sobrevive até nossos dias, porém, não sendo, o modelo único. Gradualmente, vários acontecimentos sociais que se somaram aos avanços do homem, no campo da ciência, deram à família uma “nova roupagem”, especialmente no atual século.

Do início do século XX até os anos 40, não houve muitas alterações nos padrões sociais. O pai continuava com o seu lugar de destaque, provedor único e absoluto no sustento da família. Os anos 50 celebram o início das transmissões televisivas no Brasil, invadindo o ambiente familiar. Com o surgimento da Bossa Nova, veio a contestação dos jovens e a família foi “bombardeada” com novos valores externos, vindos dos meios de comunicação, através dos ídolos de novelas, cantores etc.

O movimento jovem dos anos 60 foi um marco referencial para a revolução sexual. Era a época do “é proibido proibir”, o culto ao amor livre, a criação da minissaia e da denúncia da opressão feminina. Com o surgimento da pílula anticoncepcional, a maternidade deixa de ser um destino, e a mulher começa a invadir as escolas, as universidades e o mercado de trabalho.

Os anos 70 surgem como sendo um período de grande efervescência política e os valores cultuados na família já se adequam à nova realidade social. Com o Regime Militar imposto, os movimentos juvenis eram marcados pela censura. A barreira político-social, cerceadora da liberdade no período da Ditadura Militar, remete aos lares o questionamento existencial impossível de ser expandido lá fora, e a autoridade na família era questionada.

Diversos fatores contribuíram para que o controle da natalidade funcionasse, e podemos destacar as indústrias farmacêuticas, na demanda por contraceptivos, associada ao processo acelerado de urbanização que ocorreu no país, nesse período. Essas políticas contribuíram para que a esterilização e a pílula passassem a ser métodos mais utilizados pelas mulheres brasileiras.

2.2. A Escola: da (des)educação à (des)mistificação do sexo

Com a legislação dos **Parâmetros Curriculares Nacionais**, em vigor desde 1997, a escola tem um importante papel a desempenhar - auxiliar o jovem a cumprir com maior desenvoltura a tarefa de tornar-se "pessoa". Se lançarmos um breve olhar histórico para a escola, perceberemos que ela é mais mecanicista do que humanista, formando indivíduos com pouca coragem de criatividade e de experimentarem novos caminhos; os conhecimentos geralmente estão mais associados ao intelecto e não ao corpo.

Ao descuidarmos do papel do corpo no processo de aprendizagem, estamos diminuindo suas possibilidades de alcançar a competência necessária para a sua luta por uma vida mais digna, pois o corpo é a base da identidade, e é a partir dele que começa a noção do "eu".

A sexualidade sempre teve espaço nas preocupações da escola, mas, implicitamente, de modo não assumido, sob uma capa moral, que exhibe e exige o silêncio como forma de fomentar a repressão. No entanto, basta um olhar mais atento para perceber como ela permeia o universo escolar desde sempre. Se prestarmos atenção, logo notaremos como se está tratando de sexualidade: na arquitetura, nos regulamentos disciplinares, em toda a forma como se organiza a convivência das pessoas, sempre há um olhar sorrateiro e atento à sexualidade.

2.3. Orientação Sexual: Família x Escola

Com o crescente número das DST's e o rápido avanço da AIDS, os(as) educadores(as) apressaram-se em oferecer informações científicas baseadas em conceitos biológicos, pois também não fomos preparados(as) para falar com espontaneidade sobre diversos temas relacionados ao sexo. Não havia a abertura por parte dos familiares, e somente nos anos 80 é que essa situação, aos poucos, foi mudando.

Como a Orientação Sexual tem caráter transversal, a cadeira de Ciências, pela afinidade com o tema, tem sido utilizada para a orientação sexual. O(a) professor(a) deve estimular a formação de grupos mistos para facilitar a transposição das barreiras da timidez, desenvolvendo as relações mais íntimas com pessoas do sexo oposto. Pode passar uma lista de temas possíveis e acatar também as sugestões dos(as) alunos(as); então, cada grupo escolherá seu programa.

Antes de tudo, o facilitador deste processo deve discutir e explicitar as normas e regras que serão estabelecidas pelo grupo e que orientarão os trabalhos de forma segura e confiante. A questão do sigilo é essencial, comprometendo-se de não passar para outras pessoas o conteúdo das conversas em sala de aula, inclusive o(a) professor(a). É importante dar atenção ao que o outro diz, bem como respeitar as opiniões diferentes ou divergentes. As colocações pessoais do(a) professor(a) devem, em princípio, ser evitadas.

É fundamental que a escola convide os pais para uma conversa, antes de iniciar o trabalho de Orientação Sexual, explicitando-se o trabalho, os propósitos e a metodologia a ser usada, abrindo espaço para que possam expor suas dúvidas e objeções, de modo que se sintam ouvidos(as) e respeitados(as). E estas reuniões poderão ser periódicas, para que disponham também de um espaço para discutir a sexualidade.

Estas atitudes favorecem a criação de um clima de confiança entre escola, professor(a) de Orientação Sexual e família - imprescindível para o trabalho. Também os(as) funcionários(as) da escola devem merecer atenção, possibilitando chegar até o conhecimento deles(as) os métodos e procedimentos que estão sendo adotados para a realização deste trabalho.

Desta forma, os obstáculos começarão a ser vencidos, pois o papel da escola já não pode mais ser o de simples transmissor de cultura. Ela absorve, por sua própria natureza,

todos os impactos sócio-culturais, econômicos, políticos e emocionais que vêm ocorrendo na sociedade. Diante disso, a escola tem responsabilidade de mudar sua postura nas diversas formas de agir, pensar e perceber o mundo.

Para o(a) adolescente, é importante saber que, nesse processo, nem os familiares nem os(as) educadores(as) possuem todas as respostas. Deve haver sempre o diálogo e principalmente deve-se ouvir o(a) jovem, para que reflitam as questões da sexualidade. Essa intervenção contempla não só a informação mas também a discussão sobre valores, crenças, preconceitos, posturas e experiências individuais.

Considerando os desajustes de ordem social, educacional e psicológica que afetam os(as) adolescentes, a Orientação Sexual deve ter, como proposta, pensar a questão sexual, definir objetivos e planejar uma ação sistemática oferecida por meio de programas, ao longo do ano escolar, pois “(...) não é mais possível fazer de conta que a sexualidade não existe ou que não deve ser assunto da escola. Sempre a escola lidou com a questão da sexualidade de maneira disfarçada, com subterfúgios, dando-lhe atenção, mas sem tornar clara essa intenção” (Pinto, 1999, p. 167).

O caminho que nos leva a conhecer mais, nos possibilita a exercer influência em nós mesmos, em nossos corpos, em nossa sexualidade e em nossa identidade. Se nos perguntarmos: a educação está a serviço de quem e de quê? Se a resposta for: a serviço dos jovens, então estamos proporcionando que se descubram como seres livres e autônomos(as), e um dos caminhos a ser aberto é o da Orientação Sexual.

É fundamental olharmos para (os)as alunos(as) como indivíduos com potencialidades e plenos para exercerem a sexualidade. E é nosso dever auxiliar os(as) jovens no que diz respeito ao corpo, à sexualidade e aos seus valores, cumprindo a tarefa de tornar-se “pessoa”. Esse é o propósito da Orientação Sexual, que busca atuar como facilitador(a) da aprendizagem, além de realizar um trabalho preventivo, abrindo espaços para debates.

Porém, não deve se restringir aos jovens, mas ser amplamente estendido à família, professores(as) e funcionários(as) da escola, para que eles(as) também sejam elementos facilitadores(as) da autonomia do(a) aluno(a) e “porque a sexualidade se faz presente em todos os instantes da vida: no pátio, na sala de aula ou em casa, no dia-a-dia de todos nós”(cf. Pinto, p. 170).

Embora saibamos que o(a) adolescente esteja sempre buscando sua própria identidade e ensaiando sua novas posturas éticas, isto não significa dizer que devemos acatar tudo o que fizer, porque está com problemas próprios da idade. Estar vivenciando esta fase não lhe dá o direito de esquecer as regras básicas de convivência, de educação, de respeito ao outro e, principalmente, de respeito a si próprio. E, nós, adultos que somos, devemos deixar o falso moralismo para aproximarmos gerações separadas por tabus, porém tão próximas no afeto, evitando comportamentos discriminatórios com os(as) adolescentes.

3. Procedimentos Metodológicos

Inicialmente, partimos de um referencial teórico que nos favoreceu recuperar a compreensão crítica e atualizada sobre as representações do namoro, de forma contextualizada, enfatizando seu caráter sociológico. Em seguida, relatamos os resultados obtidos nos questionários aplicados, de onde colhemos subsídios necessários para a elaboração, conclusão e sugestões do trabalho.

Para a coleta de dados, utilizamos questionários, compostos por 03 (três) blocos de questões quanto ao: **Perfil Sócio-econômico-educacional, Família, Sexualidade e Namoro e Normas Disciplinares do CEFET** classificadas como variáveis, contendo vinte e duas (22) questões objetivas e uma (1) subjetiva. Para descrição e análise do dados da nossa pesquisa, utilizamos o Programa de Estatística – SPSS (*Statistical Package for Social Science, versão*

6.0.1), que nos permitiu interpretar os resultados em percentuais. A não-identificação foi muito importante para possibilitar aos(as) jovens responderem, com liberdade e sem medo, a perguntas que envolviam sua vida sexual e familiar.

A nossa amostra foi aleatória e aplicamos sessenta e cinco (65) questionários com estudantes adolescentes do CEFET que cursavam o Ensino Médio no período letivo de Março a Dezembro de 2000, nos três turnos, de 1ª a 3ª séries, sendo trinta e seis (36) do sexo masculino e vinte e nove (29) do sexo feminino. As idades variaram entre quinze (15) a dezesseis (16) anos.

Questionados sobre as razões que os levavam a namorar na escola, 38,5% responderam que o **“espaço físico” é propício**; 32,3% justificaram que **“namoram dentro da escola, pelo fato de não existir funcionários(as) vigiando”**, servindo de estímulo à prática do namoro, e 29,2% alegaram ainda outros motivos: por passarem maior parte do tempo na escola; o excesso de liberdade da própria Direção da Escola, deixando margem para os(as) alunos(as) namorarem; a Escola não controla os(as) alunos(as) que não querem assistir a aulas; a proximidade com os(as) colegas desperta interesse; os(as) meninos(as) do CEFET provocam.

Indagamos em uma questão aberta sobre o que achavam das Normas Disciplinares do CEFET: vinte e sete (27) responderam que são boas e vinte e um (21) consideram liberais, apresentam falhas, pois dão muita liberdade para os que não querem assistir a aula; doze (12) consideram tradicionais/antiquadas e rígidas, cinco (5) consideram justas, porém não são aplicadas, e cinco (5) não responderam.

4. Conclusão

Ao concluirmos nosso estudo a respeito do **namoro** entre os (as) alunos(as) adolescentes do Centro Federal de Educação Tecnológica, fazemos algumas considerações quanto aos aspectos que constituem o cerne da nossa pesquisa: **Adolescência, Família, Escola e Namoro.**

A **adolescência** caracteriza-se por uma fase de transição entre a infância e a juventude, com variações acentuadas em diversos níveis. É justamente nesse momento que eles(as) mais precisam do apoio e compreensão da família e da escola. É interessante lembrarmos que a sexualidade é a mais importante descoberta da adolescência e a mais emocionante aquisição desta fase. E, na realidade em que vivemos, os(as) jovens são incentivados e até pressionados pela mídia, que mostra uma visão banalizada das relações entre os sexos, impregnada de caráter comercial, competitivo e exibicionista, tornando-se difícil para eles(as) optarem por uma linha de conduta, pois na televisão coexistem múltiplas éticas ...

Em relação **à família**, o equilíbrio entre a permissividade e o limite não é algo que se imponha no momento da adolescência, mas fruto de um processo educativo que se inicia no lar desde tenra idade, e tem seguimento no ambiente escolar. Portanto, a criança que conheceu o limite e sua significação na família, saberá, a partir da norma geral, deduzir sua ética, conduzindo-se de forma equilibrada, tanto em relação às figuras de autoridade da Instituição Educacional, quanto nas demais interações, aí incluído o namoro. Entretanto, é natural um certo nível de transgressão entre os(as) jovens e a Instituição Educativa. Se não existisse a “transgressão”, estaríamos negando toda a complexidade de sentimentos e conflitos próprios da adolescência, descaracterizando-a .

Com a implantação dos Novos Parâmetros Curriculares, o currículo, a avaliação e o corpo docente passam por uma reestruturação. Cabe à escola aproximar a família e revitalizar o seu papel de formadora, tornando-a cúmplice do processo de escolarização dos(as) filhos(as). A escola sai fortalecida e não estará sozinha na luta.

Pais, mães e educadores(as) precisam estabelecer laços de respeito, tanto na paternidade quanto na docência. Na medida em que o respeito em relação ao(a) aluno(a) seja uma realidade, **ele(a) será valorizado(a) como partícipe na construção das Normas e no cumprimento das mesmas.** E para conseguir que os(as) adolescentes atinjam comportamentos responsáveis, é imprescindível estabelecer limites, oferecer liberdade de escolha e possibilidade de participação, educando-os(as) para serem livres. A verdadeira liberdade só se consegue quando a pessoa é responsável por seus atos. Deixá-los(as) fazer tudo sem estabelecer limites nem normas, transforma-os(as) em indivíduos irresponsáveis ou imaturos, incapazes de se encontrarem consigo mesmos e de encontrarem um lugar na sociedade, por precisar de ordem interna.

No que se refere ao **namoro**, a própria família é atingida pelas modificações que este tipo de relação provoca no(a) enamorado(a). O **namoro** envolve atração física *“que pode ser desde uma vaga sensação agradável generalizada até a mais focalizada atração sexual”* (Tiba, 1986, p. 60). Na cultura imediatista proclamada pelos meios de comunicação, onde o prazer tem que ser conseguido “aqui e agora”, onde a satisfação sexual parece sobrepor-se a outras carências não compensadas, tanto é difícil para o(a) jovem reprimir as sensações corporais despertadas no namoro quanto para a escola tentar anulá-las a ponto de parecer que elas não existam.

A **escola** deverá trazer o assunto do namoro à discussão, partindo do que os(as) alunos(as) têm a dizer sobre ele, apreciando as diversas posições, submetendo-a à avaliação coletiva, questionando suas opiniões e remetendo aos(as) alunos(as) a necessidade de uma conduta que permita sua expressividade afetivo-sexual sem que seja afrontosa aos demais que compartilham o mesmo espaço. Não é o caso de estabelecer oposições entre família/alunos(as)/escola, mas de procurar o equilíbrio entre os três vetores. No caso do CEFET, não existem, nas Normas Institucionais, referências explícitas a respeito dos comportamentos afetivo-sexual dos(as) alunos(as), e, mesmo se existissem tais referências, muito provavelmente tornariam a Instituição mais vulnerável diante da “falsa” aceitação à sexualidade em nossos dias. A Escola impõe e espera de todos os que a compõem uma conduta normatizada através dos costumes, dos mores da tradição, cuja força habita dentro de cada um de nós.

Desde então, é necessário entender os(as) jovens, aceitá-los(as) como pessoas que ainda dependem muito dos adultos e necessitam de limites, de compreensão, de apoio e de acreditar que são capazes de conduzir seu próprio destino. Aos poucos, num esforço conjunto, vão aprendendo a superar as dificuldades próprias da fase, a vencer os desafios próprios da idade e a fazer escolhas conscientes.

Ousamos propor também a adoção de um programa de Orientação Sexual a ser integrado ao currículo da Escola, requerendo-se, na elaboração deste, a participação de todos os segmentos da comunidade escolar. Segundo Marcio **Ribeiro** (1993, p.190), quando se faz um trabalho de educação sexual apenas transmitindo conteúdos, não se atinge o plano emocional. *“E quando isso acontece, não há mudança de atitude, de comportamento (...)”*. Em seu livro *“Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas”*, o trabalho pode tomar outras proporções, transformando os(as) adolescentes em **multiplicadores de informação**.

Como já vimos, só informar não é o suficiente. Deve-se buscar compreender os(as) jovens dentro de um contexto amplo, abrangendo o seu mundo bio-psico-sócio-cultural. Em suma, os impulsos precisam ser orientados(as), para que os(as) jovens possam ter autonomia, independência, responsabilidade e maturidade, tendo em mente que a **Orientação Sexual** deve estar acostada a um conjunto de valores que possibilite uma elaboração ética, permitindo ao(a) jovem conduzir-se adequadamente como indivíduo e como ser social.

5. Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: bases legais**. 1v. Brasília: MEC/SEMT, 1999.
- CHAVES, Jacqueline. "**Ficar com**": um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- ITÓZ, Sonia de. **Adolescência e sexualidade para eles e para nós**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MANNING, Sidney A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MONTORO, Gilda. **A iniciação sexual da adolescente**. In: Revista Psicologia Atual. n.32, p. 26-29, mai./jun. 1983.
- NOVELLO, Fernanda Parolari. **Psicologia da adolescência: o despertar para a vida**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1999.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Gente, 1999.
- RIBEIRO, Marcos (org.). **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- RODRIGUES, Eliana de Freitas e MOREIRA, Thyron Fraga. **Educação sexual: o encontro das gerações**. Disponível em: <[http://www.uol.com.br/guia do sexo/artigos/educação sexual.html](http://www.uol.com.br/guia_dosexo/artigos/educacao_sexual.html)>. Acesso em: 18 de abr. 2000.
- SUPLICY, Marta. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia - "Fórum Nacional de Educação e Sexualidade"**. 5 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- TIBA, Içami. **Puberdade e Adolescência: desenvolvimento biopsicossocial**. 4 ed. São Paulo: Ágora, 1985.
- ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.